

MENINAS E MENINOS EM CAMPO: EXPERIÊNCIAS COM O JOGO EM UMA ESCOLA DE FUTEBOL

Aline Edwiges S. Viana¹

Helena Altmann²

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar se existe no espaço da Escola de Futebol uma prática educativa organizada e sistematizada do ensino do futebol, bem como se esse processo observa, em seus aspectos pedagógicos, as questões inerentes ao gênero. Para isso, foi realizada uma pesquisa com instrumentos etnográficos em uma Escola de Futebol franqueada no interior do Estado de São Paulo, Brasil, entre os meses de agosto e dezembro de 2010. Também foram feitas 15 entrevistas semiestruturadas e seis filmagens de treinos de uma turma mista de futebol. Os resultados apontam que, na escola pesquisada, os treinos davam ênfase a um ensino tradicional do futebol, priorizando fundamentos técnicos. Além disso, são apresentados e discutidos alguns desafios pedagógicos que parecem prementes para o ensino e aprendizagem do futebol.

Palavras-chave: Relações de gênero, futebol, prática pedagógica, escolas de esporte.

INTRODUÇÃO

Por ser um fenômeno da cultura corporal, o esporte é, talvez, a expressão cultural mais representativa da sociedade contemporânea (GAYA, 2006). No tocante ao seu desenvolvimento, tornou-se plural e, a cada dia que passa, mobiliza pessoas de diferentes idades, nações, classes, raças e gêneros. Fascinante, envolvente, transformador e com

Recebido para publicação em 07/2014 e aprovado em 12/2014.

¹Mestre em Educação Física e integrante do Grupo de Estudos Corpo e Educação da Faculdade De Educação Física (UNICAMP).

²Professora Doutora Faculdade de Educação Física e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

múltiplas possibilidades de manifestação em diferentes cenários por diversos/as personagens, o esporte não se restringe a uma prática de alto rendimento, uma vez que existem diversas formas de praticá-lo e vivenciá-lo (PAES, 2006).

Entre as diversas modalidades esportivas, o futebol se apresenta, indiscutivelmente, como o fenômeno cultural e esportivo mais popular do Brasil, que envolve valores culturais, morais, econômicos, sociais, ideológicos e políticos. Cada vez mais ganha adeptos e manifesta-se em diversos cenários. Tornou-se um patrimônio da humanidade e deve ser compreendido como um fenômeno complexo, plural e sociocultural.

Nas últimas décadas, o futebol tornou-se objeto de pesquisa em diferentes campos de estudo. A antropologia, a educação física, a medicina, a psicologia, a fisiologia, a informática, a sociologia e a pedagogia são exemplos de algumas áreas acadêmicas que transformaram o futebol em tema a ser estudado (HOMRICH; SOUZA, 2005). Segundo esses autores, a explicação do interesse acadêmico pode estar vinculada à manifestação social que essa modalidade esportiva passou a desempenhar no País.

Foi com essa intenção que propusemos observar, analisar e entender, a partir das perspectivas de gênero e pedagogia do esporte, o processo de ensino-aprendizagem do futebol em uma escola de esporte, entendendo a pedagogia do esporte como um processo de ensino sistematizado, organizado, aplicado e avaliado, cujo comprometimento é o de ensinar bem a todos, respeitando as características individuais dos/as alunos/as (PAES, 2006).

Por serem as escolas de futebol um espaço de educação não formal, onde se propõe desenvolver um processo de iniciação e formação esportiva, logo, estruturado, avaliado e sistematizado, e partindo do pressuposto de que, nesses ambientes, o futebol recebe um tratamento pedagógico, queremos saber: Como ele é ensinado? Questionamos se o ensino atinge todos os alunos.

MATERIAL E MÉTODOS

Desde a década de 1980, os “estudos de gênero” vêm ganhando relevância acadêmica também na educação física (GOELLNER, 2001),

tendo se tornado um campo de pesquisa nas áreas de ciências humanas, saúde, entre outras. Na área de educação física, há predominância maior de pesquisas, teses e dissertações com abordagem etnográfica, realizadas no ambiente escolar (SOUZA; ALTMANN, 1999; ALTMANN, 1998; SOUZA JR., 2003; WENETZ, 2005; DORNELLES, 2007; UCHOGA, 2012).

De modo a explorar outros espaços educativos nas análises de gênero, foi feita uma pesquisa em uma escola de futebol na cidade de Campinas, na qual foi observado o processo de ensino-aprendizagem do futebol. Trata-se de uma pesquisa com características etnográficas. O grupo enfatizado durante as observações era composto por meninos, meninas e um professor com formação em educação física. A seleção da escola e do município onde ela se encontra foi realizada pela quantidade de meninas matriculadas na unidade.

Como instrumentos metodológicos, foram utilizados um questionário de entrevistas semiestruturado, registros no diário de campo e o *Scalt* (TENROLLER, 2004). Nesse tipo de entrevista, o pesquisador não segue um roteiro fixo de perguntas e conduz a entrevista em um contexto similar ao de uma conversa informal, fator que possibilita o surgimento de questões inesperadas a partir das respostas espontâneas dos entrevistados (BONI; QUARESMA, 2005). Além disso, “[...] uma entrevista torna-se uma fonte de pesquisa porque alguém, a partir de um tema e uma questão, lhe conferiu voz” (JAEGER; GOELLNER, 2011, p. 957). O *Scalt* é usado para registrar o desempenho individual e coletivo dos participantes no transcórre dos jogos. No diário de campo, foram registradas as atividades e propostas pedagógicas desenvolvidas pelo professor e a participação dos/as alunos/as durante os treinos.

Com questões relativas à utilização do *Scalt*, trata-se de uma técnica bastante empregada no esporte de rendimento, que possibilita uma eficiente visualização do rendimento dos atletas e da equipe de modo geral. Não localizamos pesquisas na área de ciências humanas, principalmente, nos estudos de gênero que utilizam essa técnica, porém consideramos que ela produz uma forma de visibilidade sobre a dinâmica do jogo, no sentido de compreender a participação dos/as jogadores/as em campo também no que se refere às dimensões de gênero.

O estudo foi submetido e aprovado no Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas/UNICAMP. Para a realização da pesquisa, os sujeitos foram notificados e tivemos o consentimento de seus responsáveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As escolas de esportes são espaços cuja prática esportiva se caracteriza como não formal, porém estruturada e sistematizada. Diferenciam-se da prática formal de ensino, que ocorre no ambiente escolar, pois as aulas de educação física abordam conteúdos educacionais específicos, em uma ação intencional institucionalizada (REVERDITO, SCAGLIA, 2009).

Partindo do pressuposto de que, nesses ambientes, o futebol recebe um tratamento pedagógico, logo, se faz necessário analisar se existe, no espaço da escola de futebol, uma prática organizada e sistematizada do processo de ensino e se esse processo observa, em seus aspectos pedagógicos, as questões inerentes ao gênero.

A turma escolhida começou com 5 meninas e 18 meninos; era uma turma grande que agregava todas as idades, a maioria tinha entre 13 e 18 anos. Essa formação ocorreu pelo fato de muitos estudarem ou trabalharem durante o dia, tendo somente o período noturno para praticar futebol. Os treinos aconteciam duas vezes por semana, tendo pouco mais de uma hora de duração, e eram divididos em duas partes: em um dia era realizado um treino físico com fundamentos técnicos do futebol e no outro apenas o coletivo.

Pudemos observar que não havia critério para a formação das turmas e que o nível de competência (saber fazer, poder fazer) dos alunos e o gênero não compunham os parâmetros para a formação das turmas. Assim, a diferença de idade, o nível de habilidade e a história de vida dos alunos influenciavam no processo de ensino e aprendizagem, criando, muitas vezes, dificuldades no modo de aprender futebol, pois, para alguns, os exercícios eram complexos e exigentes e, para outros, fáceis demais. O nível de competência dos alunos era diversificado, e alguns evoluíam mais do que os outros/as durante os treinos. Contudo, o problema da aprendizagem não estava relacionado ao fenômeno futebol, e sim à incompreensão de

compreendê-lo melhor (PAES, 2001), ou seja, à forma inadequada de organização e procedimentos pedagógicos adotados pelo professor.

De acordo com Venditti Jr. e Sousa (2008), para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra, garantindo a aprendizagem e o bem-estar dos indivíduos envolvidos no processo, é necessária uma prática de ensino que respeite as características particulares das diferentes idades e suas diferenças socioculturais. O professor deve elaborar procedimentos pedagógicos adequados à sua realidade de trabalho e criar propostas de ensino com base nas experiências corporais vivenciadas por meninos e meninas, a fim de criar caminhos viáveis para a aprendizagem de todos (VILMANISTA-PICCOLO, 1999).

Outro aspecto em relação à questão pedagógica é a ausência do projeto pedagógico da escola. A partir da entrevista com o professor, tivemos conhecimento dessa carência, o que provavelmente também desfavorecia o ensino. No entanto, o professor fazia um planejamento, porém frágil e imediatista e que não contemplava todos os alunos, pois as atividades eram pautadas em modelos de atletas profissionais, desconsiderando a realidade dos alunos.

De acordo com Paes (2001), modelos de ensino do gesto técnico são limitadores, estereotipados e não permitem que o aluno adquira um novo conhecimento. O ensino não deve se limitar à fragmentação dos conteúdos, à repetição de gestos, à especialização precoce e à exclusão, priorizando apenas o gesto técnico. É necessária uma proposta pedagógica que transcenda o referencial técnico-tático do esporte, sem desmerecer sua importância, e que considere o referencial socioeducativo. Dessa forma, além dos aspectos técnicos, táticos e físicos, referenciais como a participação, a inclusão, a diversificação, os valores, a coeducação, a cidadania, o respeito aos demais, a superação, a perseverança e a autonomia devem ser trabalhados (PAES, 2001, 2006).

Ao entrevistar os meninos, ficou evidente que quase todos tiveram o primeiro contato com o futebol na rua, e a iniciação esportiva sistematizada na Escola de Futebol, quase sempre antes dos dez anos de idade. Dos meninos que entrevistamos, apenas um declarou ter vivenciado pela primeira vez o esporte na Escola de Futebol, e após os 12 anos. Por outro lado, a maioria das meninas teve experiências tardias, nas aulas de educação física. Apenas uma aluna teve uma

experiência semelhante à da maioria dos meninos, na rua e antes dos dez anos.

Refletindo sobre essa questão, Damo (2006) afirma que os meninos são incentivados por questões simbólicas. Certos de que o futebol é um jogo culturalmente definido como masculino, desde a infância ou, até mesmo, antes do nascimento, tendem a assumir um compromisso com essa prática esportiva. As mesmas questões simbólicas, quando estendidas a uma reflexão de gênero, podem explicar a iniciação tardia das meninas, já que não são incentivadas a praticar futebol na infância.

Durante a pesquisa, foram filmados jogos formal e adaptado para analisar por meio do *Scalt* o rendimento técnico e tático dos alunos. No jogo formal, não havia limitações dos toques na bola, e no jogo adaptado era limitado, ou seja, o jogador poderia dar apenas dois toques na bola. O *Scalt* possibilitou identificar durante esses jogos quais fundamentos meninos e meninas apresentavam mais competência ao realizá-los.

Com poucas exceções, entre os meninos, apenas o aluno que iniciou a prática do futebol após os 12 anos apresentava pouca habilidade com os pés, tanto no jogo adaptado quanto no formal. A dificuldade desse menino chamava a atenção do público que assistia aos treinamentos. Algumas pessoas ficavam espantadas com a facilidade com que ele perdia a bola. O espanto maior não era por perder a bola, mas sim por perdê-la para uma menina. Contudo, mesmo não tendo habilidades, ele não era rejeitado pelos companheiros. Para Damo (2007), o futebol naturalizou-se como uma prática masculina, em que se espera de meninos e meninas atitudes diferentes, ou seja, espera-se que eles saibam jogar e dominar o jogo, ao contrário das garotas. O futebol não é um jogo sexuado, e sim um jogo culturalmente definido como masculino e masculinizante.

Em relação às meninas, todas começaram jogar futebol depois dos 12 anos; apenas uma menina, que começou aos nove anos, na rua com os meninos, apresentou mais habilidades futebolísticas em todos os jogos: formal e adaptado. Foi possível observar que, no jogo adaptado com a regra dos dois toques, as meninas participavam mais da atividade. Sem poder conduzir a bola, tinham poucas chances de perder a posse da bola, conseguiam efetuar os passes e domínios

rasteiros e desarmar com mais facilidade o adversário, em comparação ao jogo formal.

Uchoga (2012) também observou que as meninas mais habilidosas iniciaram a prática do futebol em espaços informais e, na companhia de outros meninos, praticavam o esporte de maneira espontânea. Em pesquisa com atletas de futsal, Altmann e Reis (2013) observaram que as jogadoras começaram a jogar quando tinham entre três e 11 anos e que a iniciação esportiva ocorreu na companhia de homens, como irmãos, amigos, primos, vizinhos e pais, em espaços não formais de ensino.

Pudemos observar que, quando os alunos apresentavam dificuldades técnicas na execução de algum fundamento, não recebiam auxílio por parte do professor: ou sua dificuldade permanecia despercebida ou era motivo de críticas, as quais demarcavam e visibilizavam sua inabilidade diante do proposto. Nesse sentido, inexistia uma intervenção pedagógica que contribuísse para uma aprendizagem diante de dificuldades específicas manifestas durante os exercícios. As atividades propostas desconsideravam as necessidades individuais ou de grupo, e a aprendizagem, quando presente, ocorria de forma praticamente espontânea, sem uma intervenção pedagógica mais específica e individualizada diante do gesto. Assim, é possível afirmar que no espaço observado não havia um processo de ensino organizado, sistematizado, aplicado e avaliado.

CONCLUSÕES

O espaço observado era inspirado em técnicas de treinamentos de clubes profissionais. O ensino do gesto técnico era predominantemente por meio da repetição de exercícios distantes da situação real de jogo. A técnica não era trabalhada em conjunto com aspectos táticos e dentro do contexto de jogo e, conseqüentemente, não priorizava a resolução de problemas inerentes ao jogo. As análises apontam que a iniciação e a formação esportiva não eram um processo orientado, sistematizado, aplicado e avaliado. A proposta pedagógica desenvolvida era limitada, que pouco qualificava os jogadores e, sobretudo, as jogadoras para a prática do futebol. Também foi observado que as meninas não eram as únicas que apresentavam dificuldades

para jogar ou ausência das habilidades futebolísticas, e alguns meninos não tinham domínio corporal das técnicas. Por fim, a atuação profissional do professor era permeada por práticas pedagógicas estereotipadas, assim como por conceitos preconceituosos em relação à prática do futebol por meninas naquele espaço.

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar se existe no espaço da Escola de Futebol uma prática educativa organizada e sistematizada do ensino do futebol, bem como se esse processo observa, em seus pedagogia, as questões inerentes ao gênero. Para isso, foi realizada uma pesquisa com instrumentos etnográficos em uma Escola de Futebol franqueada no interior do Estado de São Paulo, Brasil, entre os meses de agosto e dezembro de 2010. Também foram feitas 15 entrevistas semiestruturadas e seis filmagens de treinos de uma turma mista de futebol. Os resultados apontam que, na escola pesquisada, os treinos davam ênfase a um ensino tradicional do futebol, priorizando fundamentos técnicos. Além disso, são apresentados e discutidos alguns desafios pedagógicos que parecem prementes para o ensino e aprendizagem do futebol.

Palavras-chave: relações de gênero, futebol, prática pedagógica, escolas de esporte.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens da Educação Física**. 1998. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ALTMANN, H.; REIS, H. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v.19, n. 3, p. 211-232, jul./set. 2013.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo entrevistar: como fazer entrevista em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005.

DAMO, A. S. As dramatizações do gênero numa configuração futebolística. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO 7., Santa Catarina. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. p.1-7. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Arlei_Sander_Damo_21.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2011.

DAMO, A. S. **Do dom a profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Anpocs, 2007.

DORNELLES, P. G. **Distintos destinos?** A separação entre meninos e meninas na educação física escolar na perspectiva de gênero. 2007. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GAYA, A. C. Corpos esportivos: o esporte como campo de investigação científica. In: TANI, Go; BENTO, Jorge Olímpio; PETERSEN, Ricardo Demétrio de Souza (Org.). **Pedagogia do esporte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 101- 112.

GOELLNER, S. Gênero, Educação Física e esportes: do que falamos quando em gênero falamos? In: VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila (Org.). **Imaginário & representações sociais em Educação Física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001. p. 215-228.

HOMRICH, C. A.; SOUZA, J. C. Para além da questão técnica do ensinar/aprender futebol: outras possibilidades. In: _____. **Didática da Educação Física 3: futebol**. Ijuí: Editora Ijuí, 2005. p. 41- 87.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. O músculo estraga a mulher? a produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 3, p. 955-976, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n3/16.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2011

NISTA-PICCOLO, V. Pedagogia dos esportes. In: _____. (Org). **Pedagogia dos Esportes**. Campinas: Papirus, 1999.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Editora ULBRA, 2001.

PAES, R. R. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 20, suplemento 5, p.171, 2006.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Editora Phorte, 2009.

SOUZA, E.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999.

SOUZA JR, O. M. **Co-educação, futebol e educação física escolar**. 2003. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Futsal**: ensino e prática. Canoas: Editora Ulbra, 2004.

UCHOGA, Liane. **Educação física escolar e as relações de gênero**: risco, confiança, organização e sociabilidades em diferentes conteúdos. 2012. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, 2012.

VENDITTI JR., Rubens; SOUSA, Marlus. Tornando o “Jogo Possível”: reflexões sobre a pedagogia do esporte, os fundamentos dos jogos desportivos coletivos e a aprendizagem esportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 47- 58, 2008.

WENETZ, Ileana. **Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio**. 2005. 202 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

Endereço para correspondência:

UNICAMP - FEF / DEFH
Av. Érico Veríssimo, 701
Cidade Universitária
13083- 851 - Campinas, SP

E-mail: alineviana46@hotmail.com